

**AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA E A GESTÃO ESCOLAR: A ATUAÇÃO
DA DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO NA ANÁLISE DA PROVA SÃO
PAULO**

Mauricio de Sousa- UNICAMP (sousama@ig.com.br)

Resumo

Este artigo é fruto das pesquisas iniciais do meu projeto de doutorado sobre a atuação de uma Diretoria Regional de Ensino (DRE) da Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Paulo na análise dos resultados da Prova São Paulo no período de 2009 a 2012. Inicialmente é abordada a organização da estrutura da SME e suas políticas públicas no tocante as avaliações externas, visando à melhoria dos resultados das aprendizagens dos alunos. Esta política pública fundamenta-se nos resultados das avaliações externas em larga escala, que proporcionou a produção de materiais didáticos, a formação de professores e gestores para compreensão e elaboração destas avaliações e a recuperação dos alunos com baixos níveis de proficiências. Em seguida, apresentamos os resultados dos níveis de proficiência, em Língua Portuguesa e Matemática, das escolas pertencentes a uma DRE, buscando observar quais foram os avanços, ou não, das ações desta DRE na aplicação das propostas da SME. Por fim, concluímos o artigo com as observações sobre a relação entre a melhoria das aprendizagens dos alunos e a adoção de uma política pública pautada nas avaliações externa em larga escala.

Palavras chaves – Prova São Paulo, Política Pública, Gestão Escolar

Introdução

No ano de 2012, ao assumir a Prefeitura de São Paulo, o prefeito Fernando Haddad, anunciou no mês de março, que a Prova São Paulo não seria mais adotada no município, pois segundo o prefeito esta prova não apresentou nenhum avanço para a educação municipal e as avaliações externas em larga escala de nível

federal já seriam suficientes para as análises das políticas públicas educacionais do município.

A Prova São Paulo, foi criada em 2007 e vigorou até 2012. Esta avaliação em larga escala, na época, tinha como objetivo servir de base para as políticas públicas educacionais municipais. No primeiro ano de aplicação desta prova foram atingidos 244 000 alunos na cidade de São Paulo, sendo estes, alunos do 2º e 4º ano do ciclo I e ciclo II. A partir da primeira experiência até a última edição no ano de 2012, muitas alterações ocorreram na aplicação e análise dos resultados desta avaliação. Como exemplo: em 2009, a utilização da escala SAEB e da TRI e em 2011 e 2012, a avaliação não se ateve as disciplinas de Português e Matemática, englobando também a disciplina de Ciências.

Durante sua existência, esta avaliação atingiu quase metade dos alunos matriculados no ciclo II, em uma rede que conta com cerca de 500 mil alunos nesta etapa da educação, e quase um milhão em todas as modalidades de ensino da educação básica.

Os resultados da avaliação eram apresentados em níveis de proficiências adotados pela escala SAEB: Abaixo do Básico, Básico, Adequado e Avançado, conforme a escala de proficiência que varia de 100 a 500 (ALVES e SOARES, 2007). Estes níveis de proficiências vão avançando conforme a série (ano) avaliada.

A adoção das avaliações em larga escala em diferentes níveis federativos no Brasil, a partir do ano de 2007 foi resultado da criação da escala IDEB, também em 2007, que passou a definir as metas educacionais, em escala numérica para as escolas, até 2021 (SOUSA, 2013). Diante deste processo, muitos Estados da Federação passaram a investir em seus próprios sistemas de avaliação, e posteriormente alguns municípios fizeram o mesmo.

O município de São Paulo foi um destes que adotou o seu próprio sistema de avaliação, a Prova São Paulo, no ano de 2007 e estendeu-se até o ano de 2012, com o objetivo de melhorar a qualidade da sua educação. Assim, terminado este ciclo de seis anos de aplicação desta avaliação em larga escala, cabe fazer uma reflexão sobre os avanços ou não, em relação à melhoria da qualidade da educação do maior município do Brasil.

Desta forma, este artigo é fruto da minha pesquisa de doutorado que visa analisar a atuação da Diretoria Regional de Educação da Secretaria Municipal de Educação fomento de ações para melhoria da qualidade da educação a partir dos resultados da Prova São Paulo. Neste texto faço um recorte, em que analiso apenas os resultados das proficiências dos alunos, de uma Diretoria Regional de Ensino (DRE), nas provas de Língua Portuguesa e Matemática, entre os anos de 2009 a 2012, pois neste período a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, passou a adotar a mesma escala de proficiência do SAEB, para analisar dos resultados na Prova São Paulo.

Portanto, se podemos entender que a melhoria da qualidade de ensino pode ser aferida através dos resultados das avaliações externas em larga escala, neste texto exporemos os resultados de 35 escolas, na Prova São Paulo, de uma Diretoria Regional de Ensino, para tentar ajudar a compreender um pouco melhor esta temática.

A estrutura da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME) é a maior rede educacional municipal do país, sua atuação vai desde a educação infantil até o ensino médio. Atualmente, com a parceria do Governo Federal também vem atuando na educação superior, com os polos da UAB (Universidade Aberta do Brasil) no oferecimento de cursos superiores e de especialização para professores da própria rede e pessoas da comunidade do entorno dos CEUS (Centros de Educação Unificado), locais em que são situados os polos da UAB.

A rede educacional de São Paulo é composta por quase 1 milhão de alunos, alocados em 2.113 escolas de educação infantil e 546 escolas de ensino fundamental. Para organização destas escolas existem 13 Diretorias Regionais de Educação (DRE), que atuam diretamente com as escolas, através, principalmente de dois órgãos: a Supervisão Escolar e o Departamento de Orientações Técnicas Pedagógicas. Estes dois órgãos são responsáveis principalmente pela orientação dos aspectos administrativos e pedagógicos nas unidades escolares, e pela formação dos professores e gestores das escolas.

Assim, no tocante as análises das avaliações externas, estes dois órgãos das DREs são responsáveis não apenas por passar os resultados das avaliações externas para as unidades escolares, mas também para contribuir na formação e no desenvolvimento de ações que revertam em avanços nas aprendizagens dos alunos.

Dessa forma, no período de 2007 até 2012, ocorreram vários cursos de formação para professores e gestores, organizados por supervisores escolares e membros do Departamento de Orientação Técnica Pedagógica visando avanços nos resultados dos alunos nas avaliações externas.

Entre as iniciativas da Secretaria Municipal de Educação, no tocante a utilização dos dados das avaliações externas, em especial a Prova São Paulo, o Departamento de Orientações Técnicas e Pedagógicas Central desenvolveu alguns materiais pedagógicos, para serem utilizados desde o 1º ao 9º ano, com o objetivo de melhorar os resultados dos alunos. Entre estes materiais destacamos os Cadernos de Apoio e Aprendizagem, nas disciplinas de Português e Matemática. Em 2011, foi lançado o mesmo material para a disciplina de Ciências (a produção desse material ficou restrita as séries iniciais) ano este, em que esta disciplina também foi avaliada na Prova São Paulo. Este material foi construído a partir das avaliações externas municipais conforme, descreve o site da Secretaria Municipal de Educação:

“Os Cadernos de Apoio e Aprendizagem, destinados aos estudantes dos nove anos do Ensino Fundamental, têm como finalidade contribuir para o trabalho docente visando à melhoria das aprendizagens dos alunos. Sua elaboração teve como critérios para seleção das atividades as dificuldades apresentadas pelos alunos na Prova São Paulo e na Prova da Cidade e o desafio que envolve o alcance das expectativas de aprendizagem contidas nos documentos de Orientações curriculares. (disponível em <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/fundemedio/AnonimoSistema/MenuTexto.aspx?MenuID=17>, acesso 15/08/14)

Este órgão também criou materiais para a Recuperação Paralela. Cabe ressaltar que a portaria de recuperação paralela, determinava que este projeto estava destinado primeiramente aos alunos que ficaram na proficiência Abaixo do Básico, conforme o resultado da Prova São Paulo, observe o art. 1 da Portaria 1680/11:

“Art. 1º - Fica instituído nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental – EMEF, Escolas Municipais de Educação Especial – EMEE e Escolas Municipais de Ensino

Fundamental e Médio – EMEFM da Rede Municipal de Ensino, o Programa “Estudos de Recuperação” a fim de recuperar aprendizagens necessárias ao prosseguimento de estudos dos alunos que se encontram no nível de proficiência abaixo do básico, de acordo com os resultados da Prova São Paulo.” (SME, Portaria 1680 de 16 de março 2011, disponível em http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=17032011P%20016802011SME)

Além desses materiais, no ano de 2009, a SME, através do seu Núcleo de Avaliação Educacional criou outra avaliação em larga escala, chamada de Prova da Cidade. Esta prova que seria aplicada somente nas escolas que aderissem a proposta. A elaboração desta avaliação externa foi realizada pelos membros do Núcleo de Avaliação da SME e por professores da rede municipal, participantes dos cursos promovidos por este núcleo. A aplicação era bimestral e os professores das unidades escolares participantes tinham acesso às correções das questões, que depois poderiam ser apresentadas aos alunos. Ou seja, a Prova da Cidade era diferente das demais avaliações em larga escala adotadas no país, cuja elaboração, aplicação e sigilo estão sobre controle das empresas contratadas.

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação a Prova da Cidade:

“é uma prova padronizada, com caráter externo e realizada em larga escala, cujas propostas de elaboração, aplicação, correção e intervenção estão mais próximas dos profissionais que atuam nas escolas. Ela aproxima-se mais, em alguns aspectos, de uma avaliação interna.” (disponível em <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/nucleo/AnonimoSistema/MenuTexto.aspx?MenuID=47&MenuIDAberto=24> acesso 17 /08/2014)

Podemos observar que durante o período de 2007 a 2012, quase todas as orientações pedagógicas sobre as aprendizagens dos alunos na rede municipal de São Paulo estavam pautadas nos resultados das avaliações em larga escala. Esta visão da importância das avaliações externas transformou-se em um caos, pois houve anos em que algumas unidades escolares chegaram a participar de três grandes avaliações em larga escala: Prova da Cidade, Prova São Paulo (as duas de nível municipal) e Prova Brasil (nível federal). Ou seja, os alunos passaram o ano inteiro fazendo avaliações externas.

Esta lógica de raciocínio pautada na testagem dos alunos assemelha-se muito com o modelo norte-americano, adotado a partir dos anos 90

“Por um tempo nos anos 1990, a ideia mais promissora para a melhoria escolar era a “reforma escolar sistêmica”. Acadêmicos influentes diziam que a performance dos estudantes iria melhorar apenas quando todas as partes do sistema educacional estivessem funcionando em sincronia para possibilitar conquistas elevadas dos estudantes. Isso significava que os administradores e educadores públicos deveriam estabelecer um currículo, definir referências para a proficiência naqueles assuntos, basear os testes no currículo, esperar que os professores o ensinassem, escolher apostilas adequadas e realinhar o sistema educacional inteiro em torno dos objetivos curriculares” (RAVITCH, 2011, pág.50)

Diante dessa lógica adotada pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo buscaremos analisar os resultados obtidos pelos alunos na Prova São Paulo, durante o período de 2009 a 2012, ano em que foi adotada a escala SAEB, para verificarmos se estas ações tiveram algum efeito na aprendizagem dos alunos.

Para esta análise utilizamos os resultados das escolas de ensino fundamental de uma Diretoria Regional de Educação (DRE) e verificaremos se todo este investimento na realização de provas, materiais, orientações e cursos, surtiram efeitos relativos ao avanço das aprendizagens dos alunos.

Esclarecemos que a escolha de analisar apenas uma DRE e não fazer comparação entre diferentes DREs é por entender que existe uma autonomia relativa (SILVA JUNIOR, 2013), neste órgão para promover as suas formações e orientações seja para gestores ou para professores. Assim, a comparação entre DREs poderia resultar em dados conflitantes, em virtude desta autonomia de ações pedagógicas. Além disso, a análise comparativa entre DREs também, reverteria em um número muito grande de unidades escolares, com realidades totalmente diferentes entre si.

Sabemos que a análise de apenas uma DRE, não evita estes conflitos, porém partimos do pressuposto que as formações e orientações específicas desta Unidade, emanam de um mesmo poder central, que é o Diretor Regional de Educação, e produzem um mesmo discurso, que por sua vez atinge os professores e gestores das diferentes unidades escolares da esfera de atuação da DRE, cuja função é reverter em ações pedagógicas nestas unidades.

A partir desta explicação, a DRE analisada neste artigo é composta por 35 escolas de ensino fundamental, distribuídas nos bairros: Ipiranga, Sé, Vila Mariana, Sacomã, Vila Prudente e parte de São Mateus. Todas estas escolas participaram da Prova São Paulo, nos de 2009 a 2012. Da mesma forma, estas escolas tiveram durante este período as mesmas orientações quanto ao uso dos materiais pedagógicos sugeridos pela Secretaria Municipal de Educação e sobre as ações nas aprendizagens dos alunos, promovidas pelos supervisores e formadores desta DRE.

Os resultados na Prova São Paulo

Os resultados da Prova São Paulo são apresentados em médias de proficiência conforme a escala SAEB que varia entre 100 a 500 pontos. Estas escalas depois são revertidas em níveis de proficiências denominados: Abaixo do Básico, Básico, Adequado e Avançado. Conforme a série/ano avaliada, estes níveis de proficiência tem diferentes valores numéricos na escala de proficiência, ou seja, conforme o aluno avança na sua escolarização os níveis de proficiência também aumentam.

Mediante este fato a apresentação dos resultados das avaliações externas, seja Prova São Paulo (nível municipal) ou Prova Brasil (nível federal) são divididos em dos níveis no ensino fundamental: 1º nível – resultados dos alunos do ciclo I (que abarca os alunos da 4º ano – antiga 4ª série e o 2º nível – resultados dos alunos do ciclo II (que abarca alunos da 4º ano – antiga 8ª série) . Assim apresentamos os dados dos alunos da DRE Ipiranga no período de 2009 a 2012.

Com relação à variação dos níveis de proficiência podemos perceber através do Gráfico 1 que ocorreu pouca variação das proficiências dos alunos do ciclo I no ensino de Língua Portuguesa, variando na escala entre 150 a 200 pontos. Da mesma forma, no Gráfico 2 , os alunos do ciclo II estão situados na escala de proficiência 200 a 250 pontos.

Observamos que a mesma situação ocorre no ensino de Matemática em que o nível de proficiências dos alunos do ciclo I fica entre 150 a 200 pontos e os do ciclo II também na mesma variação entre 200 e 250 pontos.

Desta forma, mesmo com todas as diferenças de níveis socioeconômicos e das diferenças entre as práticas pedagógicas a variação das 35 escolas não se alterou muito entre os anos de 2009 a 2011.

Entretanto se observamos de mais de perto as variações das médias de proficiências dos resultados entre os anos de 2009 e 2012, podemos perceber que a variação entre o melhor e o pior resultado das escolas tem uma variação muito grande e não percebemos uma diminuição constante nesta variação. Esta variação entre as escolas sempre ficou em torno de 60 pontos de diferença entre os resultados da melhor e da pior escola.

Ou seja, mesmo com uma educação voltada para a melhoria dos resultados nas avaliações externas e a preocupação com a produção de materiais e cursos para reduzir as diferenças entre as escolas, durante o período analisado tal fato não ocorreu.

Observando a tabela 1, podemos perceber que em relação ao ensino de Língua Portuguesa nas séries iniciais entre os anos de 2009 a 2012, ocorreu um aumento da variação entre a melhor e a pior escola. Em 2009 a variação era de 48,1 pontos, já em 2012 subiu para 67,2 pontos. Com relação aos alunos do ciclo II, esta variação se manteve estável neste período, com 49 pontos, mas no ano de 2011 a variação atinge o ponto mais alto, ou seja, 60,7 pontos.

Com relação ao ensino de Matemática podemos perceber que esta variação entre os alunos do ciclo I manteve-se quase estável entre 54 a 60 pontos, em relação a melhor e a pior escola. Já no ciclo II, tivemos uma diminuição gradual chegando a uma diferença de 12 pontos entre a melhor e a pior escola (2009 – 53,1 e 2012- 41,1). Porém no ano de 2011 (60,7 pontos) tivemos um aumento de quase 10 pontos em relação a 2009.

Através destes dados verificamos que não houve grandes mudanças na variação, durante a aplicação da Prova São Paulo, no período de 2009 a 2011, na relação entre a melhor e a pior escola.

Continuando este processo de análise dos dados, nas tabelas 2 e 3, podemos verificar que ocorreu pouca variação entre as cinco melhores e piores escolas da DRE, nas provas de Língua Portuguesa e Matemática. Ou seja, mesmo com todo o investimento em materiais e formação, os avanços não foram sentidos nos resultados das escolas. É claro que entendemos que outros fatores interferem diretamente nos resultados, como o número de alunos que realizaram a prova, e principalmente o fator socioeconômico, como demonstra Freitas, ao analisar a relação entre pobreza e reprovação:

“Nota-se que, a medida que o nível socioeconômico aumenta, diminui o nível de reprovação na rede, revelando, portanto, que as áreas de pobreza continuam sendo alvo da reprovação, contrariando o objetivo das políticas”(FREITAS, 2005, pág. 915).

Podemos evidenciar este fato com os dados da escola 14 (ver Tabela 2 e 3) que se manteve com os piores resultados em todos os níveis de escolarização, durante todo o período analisado, mesmo avançando em alguns anos na sua média ainda assim ficou com os piores resultados da DRE. Em contrapartida, as escolas 11 e 23 (Tabela 2 e 3) mantiveram os melhores resultados durante quase todo o período analisado.

Desse modo, entendemos que as políticas públicas voltadas para formação, orientação e elaboração de materiais não conseguiu romper as disparidades do próprio sistema educacional.

Por fim, observamos agora a tabela 4 e 5, que faz uma comparação dos resultados entre os anos de 2009 a 2012 no ensino de Língua Portuguesa e Matemática. Podemos verificar que em cerca de 50% das escolas houve queda nos resultados entre os anos de 2009 a 2012. O caso mais grave localiza-se nos resultados de Matemática (tabela 5), em que esta queda atingiu quase 70% das escolas pesquisadas.

Novamente temos um descompasso entre os investimentos públicos e os avanços nas aprendizagens dos alunos. Ou seja, cabe a questão; será que um ensino pautado por avaliações em larga escala, resultou em avanços nas aprendizagens?

Conclusões preliminares

Este estudo ainda está em fase de desenvolvimento, mas conforme demonstraram os resultados preliminares, podemos perceber que no período que se estendeu de 2007 a 2012, a educação municipal da maior cidade de Brasil foi todo respaldado nos resultados das avaliações externas. Isto significa dizer que os investimentos em educação no tocante ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos foram fundamentados nos resultados das avaliações externas.

Neste sentido, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, buscou investir em seus próprios instrumentos de avaliação, a chamada Prova São Paulo e Prova da Cidade, com objetivo de criar ações que iriam interferir diretamente nas aprendizagens dos alunos, pois as avaliações federais poderiam não dar conta das necessidades locais.

Entretanto, através dos dados apresentados podemos perceber que ocorreram grandes investimentos na contratação de empresas para realização de avaliações externas, na produção de material didático e em programas de recuperação para os alunos, mas isto não significou avanços nas aprendizagens dos alunos.

Desta forma, este período da educação municipal de São Paulo, foi caracterizado por uma educação voltada ao ensino baseado nos resultados de testes, e pelo que, percebermos através da análise dos dados desta série histórica de 4 anos, das escolas de uma Diretoria regional de Ensino, ficou claro que os avanços foram pequenos e em muitos casos não tivemos nenhuma melhoria nas aprendizagens dos alunos.

Encerramos estas conclusões preliminares com as indagações propostas pela pesquisadora Diane Ravitch ao rever a sua atuação na mudança do sistema educacional norte-americano:

“A testagem, eu percebi com desgosto, havia se tornado uma preocupação central nas escolas e não era apenas uma mensuração, mas um fim em si mesma. Eu comecei a acreditar que a responsabilização, conforme estava escrito na lei federal, não estava elevando os padrões,

mas imbecilizando as escolas conforme os estados e distritos lutavam para atingir metas irrealistas “ (RAVITCH, 2011, pág. 27-28)

Referências Bibliográficas

ALVES, Maria Teresa Gonzaga e SOARES, José Francisco. “As pesquisas sobre o efeito das escolas: contribuições metodológicas para a sociologia da educação” In. **Sociedade e Estado**. [online]. 2007, vol.22, n.2, pp. 435-473. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922007000200008>. Acesso em 05 de agosto de 2012.

FREITAS, Luiz Carlos de. “Qualidade negociada: avaliação e contra-regulação na escola pública” In. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 92, págs, 911 a 933.

RAVITCH, Diane. **Vida e morte do grande sistema escolar americano; como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

SILVA JUNIOR, Celestino Alves. “Supervisão, Currículo e Avaliação”. In. COLVARA, Laurence Duarte (coord.) **Caderno de formação de professores: bloco 03: Gestão Escolar**. São Paulo: Cultura Acadêmica/UNESP/UNIVESP, 2013. págs. 106 a 114

SOUSA, Sandra Zákia. “Avaliação externa e em larga escala no âmbito do Estado brasileiro: interface de experiências estaduais e municipais de avaliação da educação básica com iniciativas do governo federal” In. BAUER, Adriana e GATTI, Bernardete A. **Vinte e cinco anos de avaliação de sistemas educacionais no Brasil – implicações nas redes de ensino, no currículo e na formação de professores**. V.2, Florianópolis: editora Insular, 2013. págs. 61 a 85.

Anexos

Gráfico 1

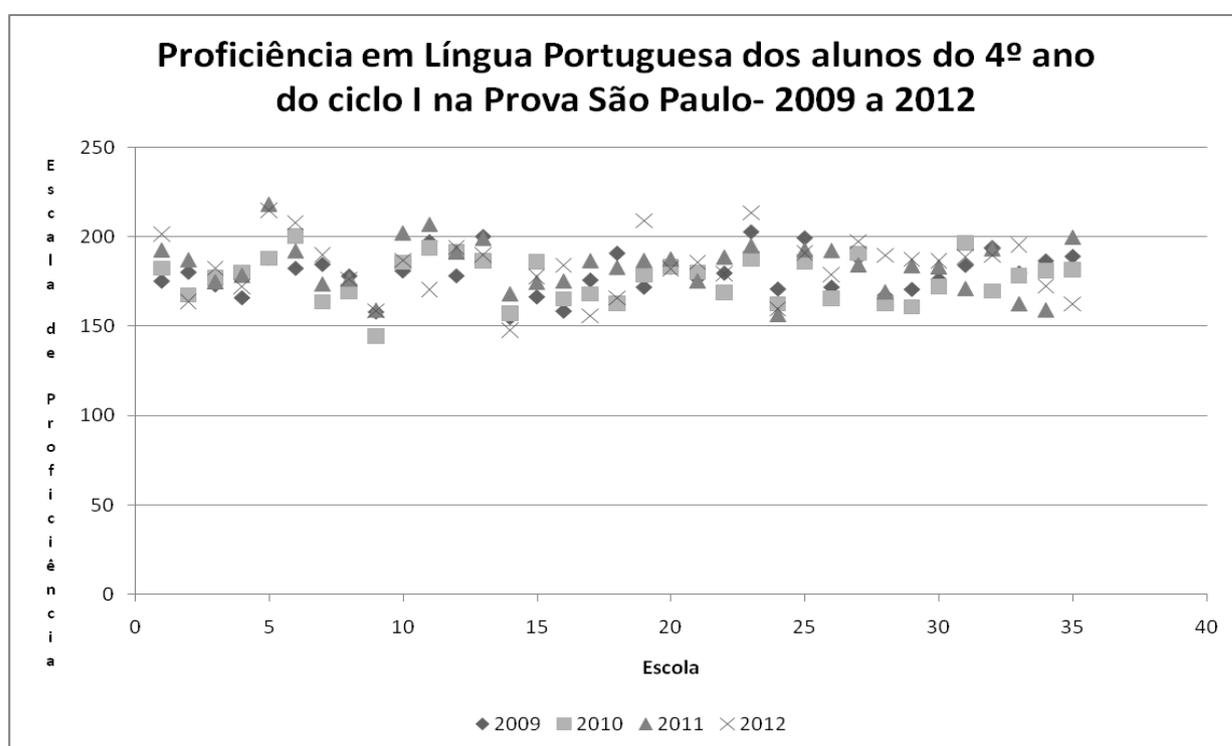


Gráfico 2

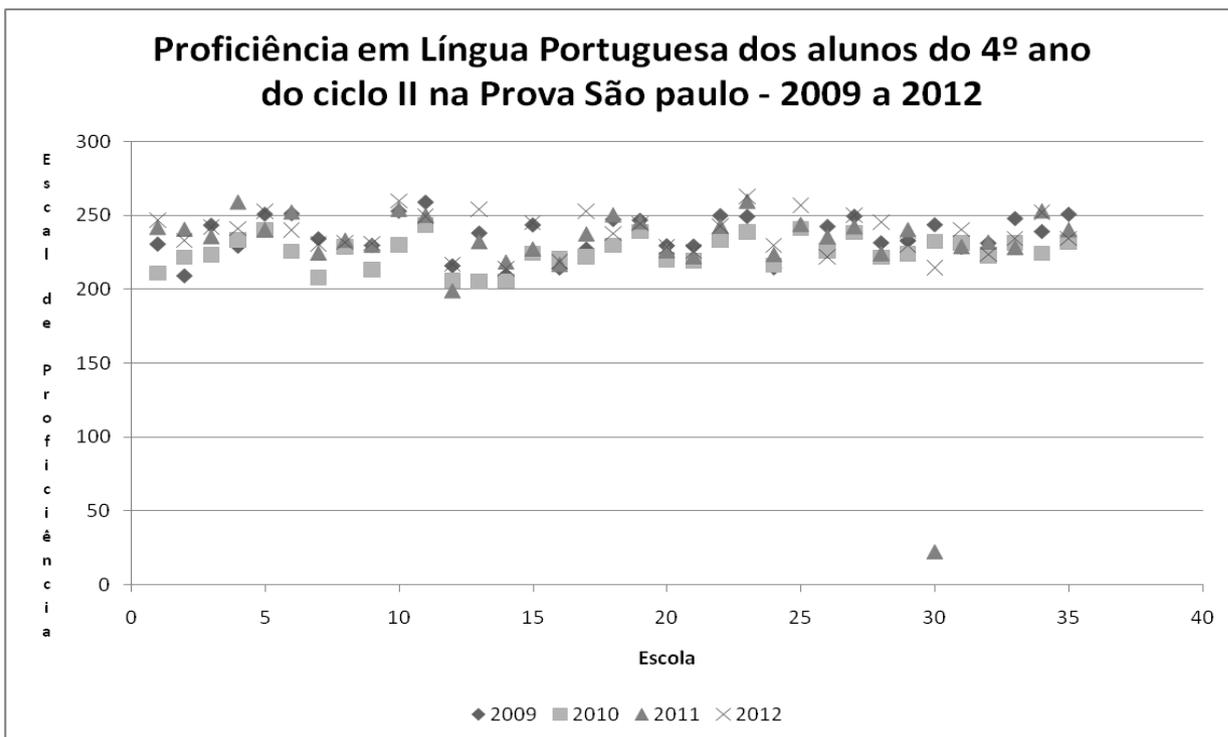


Gráfico 3

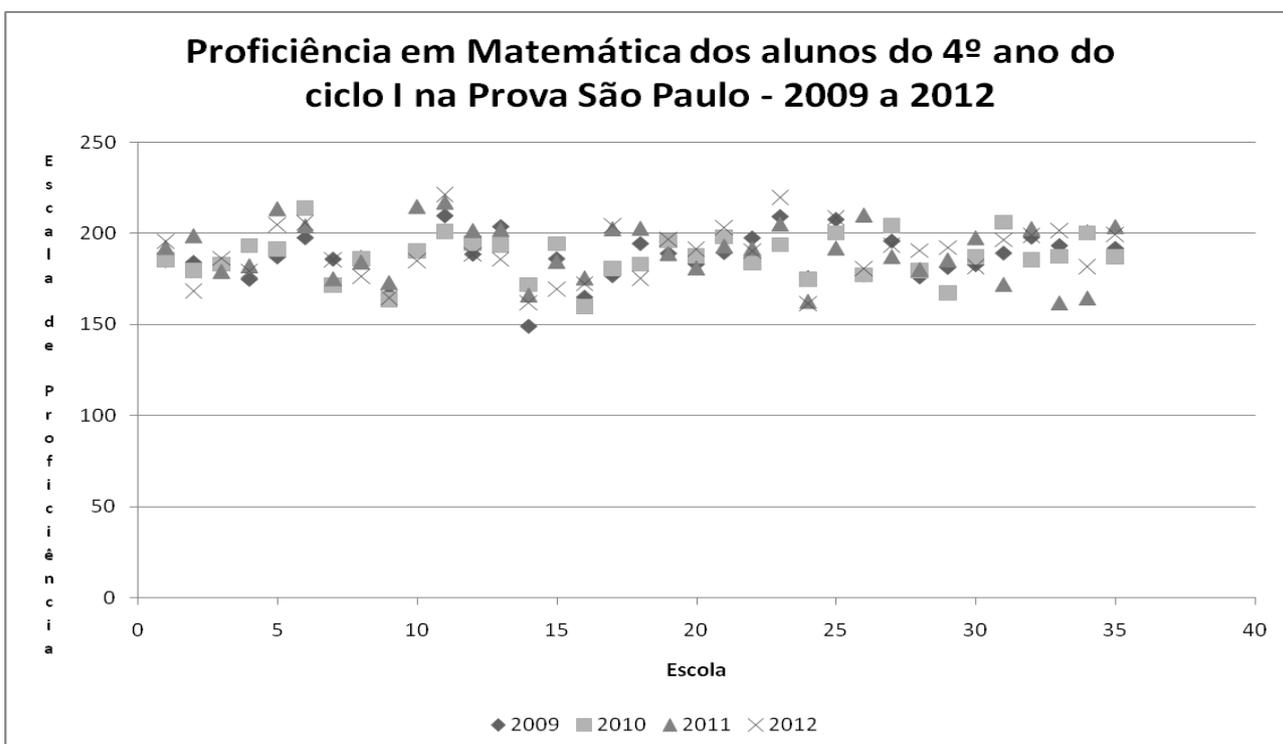


Gráfico 4

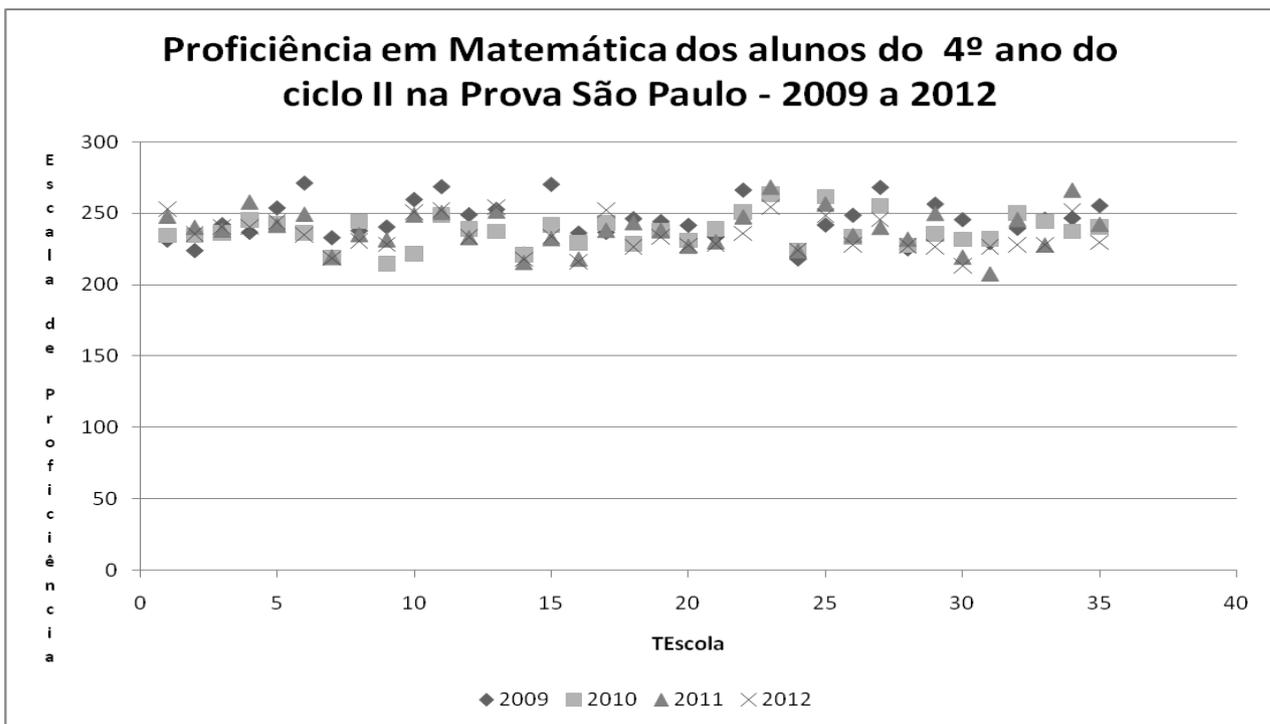


Tabela 1

VARIAÇÃO DOS RESULTADOS ENTRE A MELHOR E A PIOR ESCOLA DA DRE

	Ciclo I		Ciclo II	
	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
2009	48,1	60,4	49,9	53,1
2010	55,5	54,5	38,4	49
2011	61,7	55,5	60,7	60,7
2012	67,2	60	49,3	41,1

Tabela 2

Língua Portuguesa- 4º ano ciclo I

	2009	2010	2011	2012
ESCOLA 1	175,2	182,6	192,7	201,3
ESCOLA 2	180,2	167,6	187,2	163,7
ESCOLA 3	173,1	177,1	175	182,2
ESCOLA 4	165,9	180,2	178,5	172
ESCOLA 5	188	188	218,3	214,7
ESCOLA 6	182,4	200,6	192,2	207,6
ESCOLA 7	184,6	163,6	173,7	189,6
ESCOLA 8	178,1	169,4	176,4	176,2
ESCOLA 9	157,9	144,5	159,1	158,5
ESCOLA 10	181	185,9	202,2	186,7
ESCOLA 11	197,4	194	207	170,4
ESCOLA 12	178,2	192	191,5	193,8
ESCOLA 13	200,3	186,6	199,2	189,8
ESCOLA 14	154,8	157,5	168,2	147,5
ESCOLA 15	166,4	186,2	174,6	177,4
ESCOLA 16	158,4	165,3	175,3	183,9
ESCOLA 17	175,8	168,1	186,7	155,7
ESCOLA 18	190,9	162,9	183	165,7
ESCOLA 19	171,8	178,7	186,9	208,7
ESCOLA 20	182,9	183,2	187,7	181,9
ESCOLA 21	176,8	180,2	175,4	185,5
ESCOLA 22	179,7	169	188,7	179,1

Língua Portuguesa- 4º ano ciclo II

	2009	2010	2011	2012
ESCOLA 1	230,4	211,1	241,9	246,5
ESCOLA 2	208,9	221,9	240,6	232,8
ESCOLA 3	243,2	223,6	235,6	241,8
ESCOLA 4	229	233,4	259	241
ESCOLA 5	250,7	240,4	240,2	252,7
ESCOLA 6	251	225,8	252,3	240,1
ESCOLA 7	234	208,1	224,6	230,5
ESCOLA 8	230	229	233,2	231,6
ESCOLA 9	229,5	213,4	229,8	230,9
ESCOLA 10	252,7	230	254,1	259,7
ESCOLA 11	258,8	243,7	250	249,2
ESCOLA 12	215,7	206,3	198,9	216,8
ESCOLA 13	237,9	205,3	232,2	254
ESCOLA 14	209,3	205,8	218,5	213,6
ESCOLA 15	243,4	224,5	227,3	245
ESCOLA 16	214,2	220,9	216,9	218,4
ESCOLA 17	227	222,3	237,5	252,8
ESCOLA 18	247,1	229,9	250,4	237,5
ESCOLA 19	246,6	239,3	245,6	244,4
ESCOLA 20	229,3	220,1	226,1	228,4
ESCOLA 21	229,1	219,3	222,1	225,4
ESCOLA 22	249,7	233,1	242,6	242,6

ESCOLA 23	202,9	187,7	195,1	213,2
ESCOLA 24	170,8	162,6	156,6	159,5
ESCOLA 25	199,5	186	192,8	190,9
ESCOLA 26	171,8	165,6	192,4	178,5
ESCOLA 27	188,4	190,7	184,4	197,1
ESCOLA 28	167,2	162,9	169,3	189,5
ESCOLA 29	170,6	161	183,9	187,2
ESCOLA 30	176,2	172,2	183,3	186,3
ESCOLA 31	184,1	196,6	171,2	188,6
ESCOLA 32	194,1	169,8	193,3	189,4
ESCOLA 33	179,8	178,4	162,6	195,3
ESCOLA 34	186,6	181,1	159,2	172,2
ESCOLA 35	189,1	181,7	199,8	162,2

ESCOLA 23	249,1	238,7	259,6	262,9
ESCOLA 24	214,4	216,5	223,5	229,5
ESCOLA 25	242,8	241,1	243,9	256,8
ESCOLA 26	242,3	226,1	235,5	221,7
ESCOLA 27	249,3	238,5	242,3	250,1
ESCOLA 28	231,3	221,8	224,1	245,2
ESCOLA 29	232,6	224,2	240,3	229,4
ESCOLA 30	243,5	232,6	222,3	214,5
ESCOLA 31	228,2	231,5	228,9	240,2
ESCOLA 32	231	222,7	231,9	223,6
ESCOLA 33	247,7	231,6	228,3	234,1
ESCOLA 34	238,9	224,6	253	252
ESCOLA 35	250,6	232,1	240,3	234,1

Legenda

	Escola com o melhor resultado no ano
	Escola com pior resultado no ano

Tabela 3

Matemática- 4º ano ciclo I

	2009	2010	2011	2012
ESCOLA 1	185,1	185,3	192,3	195,9
ESCOLA 2	184,1	179,4	198,8	168,4
ESCOLA 3	182,8	182,9	179,2	186,4
ESCOLA 4	174,9	193,2	182,3	179,4
ESCOLA 5	187,1	191,4	213,7	205
ESCOLA 6	197,6	214	204,2	205,8
ESCOLA 7	185,9	171,5	175,1	185,7
ESCOLA 8	186,8	186	184,3	176,4
ESCOLA 9	166,6	163,4	173	164,7
ESCOLA 10	190,7	190,3	214,9	185,1
ESCOLA 11	209,6	201	217,3	221,5
ESCOLA 12	188,6	194,5	201,7	188,5
ESCOLA 13	203,7	193,4	202,3	185,8
ESCOLA 14	149,2	171,6	166,1	162,2
ESCOLA 15	186,1	194,2	184,7	169,7
ESCOLA 16	165,1	159,5	175,6	172,5
ESCOLA 17	176,9	180,5	202,7	204,4
ESCOLA 18	194,4	182,9	202,9	175,4
ESCOLA 19	189	195,8	189	196,8
ESCOLA 20	183,2	187,5	181,1	191,4

Matemática- 4º ano ciclo II

	2009	2010	2011	2012
ESCOLA 1	231,3	234,8	247,8	253
ESCOLA 2	224	234,6	240	235,3
ESCOLA 3	242,1	236,3	238	240,2
ESCOLA 4	236,7	245,5	257,6	240,5
ESCOLA 5	253,8	242,7	241,4	244
ESCOLA 6	271,2	236,5	249,2	235
ESCOLA 7	233	219,1	219,4	218,6
ESCOLA 8	237,9	244,4	234,9	230,7
ESCOLA 9	240,5	214,9	231,3	228,2
ESCOLA 10	259,7	221,9	248,7	250,8
ESCOLA 11	268,7	248,7	250,3	252,1
ESCOLA 12	249,1	239	232,8	233,5
ESCOLA 13	252,8	237,4	251,4	254,3
ESCOLA 14	221,7	221,2	215,5	217,9
ESCOLA 15	270,3	241,8	232,2	233,7
ESCOLA 16	236,3	229,5	217,8	215,9
ESCOLA 17	236,7	243,3	237,9	252
ESCOLA 18	246,3	228,9	243,3	226,3
ESCOLA 19	244,3	237,7	237,9	233,6
ESCOLA 20	241,6	231,2	226,7	227,6

ESCOLA 21	189,5	198	193,1	203,4
ESCOLA 22	197,5	183,9	191,9	190,3
ESCOLA 23	209,2	193,7	205,2	219,7
ESCOLA 24	175,8	174,6	162,7	161,5
ESCOLA 25	207,6	200,1	192	208,5
ESCOLA 26	177,2	177,1	210,2	180,7
ESCOLA 27	195,8	204,1	187,3	193,6
ESCOLA 28	176,2	179,5	180,2	190,7
ESCOLA 29	181,4	167,2	185,5	192,4
ESCOLA 30	182,9	187,1	197,7	181,9
ESCOLA 31	189,2	206	172	196,6
ESCOLA 32	197,9	185,5	202,8	198,9
ESCOLA 33	193,3	187,2	161,8	201,7
ESCOLA 34	200,7	200,2	164,5	182
ESCOLA 35	191,8	187	203,8	199,5

ESCOLA 21	233,5	239,4	229,9	228,6
ESCOLA 22	266,3	251,1	247,3	235,9
ESCOLA 23	263	263,5	268,1	254,1
ESCOLA 24	218,1	224,3	223,6	224
ESCOLA 25	241,9	261,7	256,3	248,3
ESCOLA 26	248,7	233,8	234,3	227,8
ESCOLA 27	268,2	254,9	239,9	245,5
ESCOLA 28	225,2	227,8	231,7	227,3
ESCOLA 29	256,5	235,7	249,6	226,5
ESCOLA 30	245,6	232	219,1	213,2
ESCOLA 31	229,6	232,2	207,4	226,6
ESCOLA 32	239,6	250,4	245,4	227,8
ESCOLA 33	246	244,3	227,6	228
ESCOLA 34	246,6	237,4	266	251,6
ESCOLA 35	255,4	240,7	242	229,5

Legenda

	Escola com o melhor resultado no ano
	Escola com pior resultado no ano

Tabela 4

Língua Portuguesa- 4º ano ciclo I

	2009	2010	2011	2012
ESCOLA 1	175,2	182,6	192,7	201,3
ESCOLA 2	180,2	167,6	187,2	163,7
ESCOLA 3	173,1	177,1	175	182,2
ESCOLA 4	165,9	180,2	178,5	172
ESCOLA 5	188	188	218,3	214,7
ESCOLA 6	182,4	200,6	192,2	207,6
ESCOLA 7	184,6	163,6	173,7	189,6
ESCOLA 8	178,1	169,4	176,4	176,2
ESCOLA 9	157,9	144,5	159,1	158,5
ESCOLA 10	181	185,9	202,2	186,7
ESCOLA 11	197,4	194	207	170,4
ESCOLA 12	178,2	192	191,5	193,8
ESCOLA 13	200,3	186,6	199,2	189,8
ESCOLA 14	154,8	157,5	168,2	147,5
ESCOLA 15	166,4	186,2	174,6	177,4
ESCOLA 16	158,4	165,3	175,3	183,9
ESCOLA 17	175,8	168,1	186,7	155,7

Língua Portuguesa- 4º ano ciclo II

	2009	2010	2011	2012
ESCOLA 1	230,4	211,1	241,9	246,5
ESCOLA 2	208,9	221,9	240,6	232,8
ESCOLA 3	243,2	223,6	235,6	241,8
ESCOLA 4	229	233,4	259	241
ESCOLA 5	250,7	240,4	240,2	252,7
ESCOLA 6	251	225,8	252,3	240,1
ESCOLA 7	234	208,1	224,6	230,5
ESCOLA 8	230	229	233,2	231,6
ESCOLA 9	229,5	213,4	229,8	230,9
ESCOLA 10	252,7	230	254,1	259,7
ESCOLA 11	258,8	243,7	250	249,2
ESCOLA 12	215,7	206,3	198,9	216,8
ESCOLA 13	237,9	205,3	232,2	254
ESCOLA 14	209,3	205,8	218,5	213,6
ESCOLA 15	243,4	224,5	227,3	245
ESCOLA 16	214,2	220,9	216,9	218,4
ESCOLA 17	227	222,3	237,5	252,8

ESCOLA 18	190,9	162,9	183	165,7
ESCOLA 19	171,8	178,7	186,9	208,7
ESCOLA 20	182,9	183,2	187,7	181,9
ESCOLA 21	176,8	180,2	175,4	185,5
ESCOLA 22	179,7	169	188,7	179,1
ESCOLA 23	202,9	187,7	195,1	213,2
ESCOLA 24	170,8	162,6	156,6	159,5
ESCOLA 25	199,5	186	192,8	190,9
ESCOLA 26	171,8	165,6	192,4	178,5
ESCOLA 27	188,4	190,7	184,4	197,1
ESCOLA 28	167,2	162,9	169,3	189,5
ESCOLA 29	170,6	161	183,9	187,2
ESCOLA 30	176,2	172,2	183,3	186,3
ESCOLA 31	184,1	196,6	171,2	188,6
ESCOLA 32	194,1	169,8	193,3	189,4
ESCOLA 33	179,8	178,4	162,6	195,3
ESCOLA 34	186,6	181,1	159,2	172,2
ESCOLA 35	189,1	181,7	199,8	162,2

ESCOLA 18	247,1	229,9	250,4	237,5
ESCOLA 19	246,6	239,3	245,6	244,4
ESCOLA 20	229,3	220,1	226,1	228,4
ESCOLA 21	229,1	219,3	222,1	225,4
ESCOLA 22	249,7	233,1	242,6	242,6
ESCOLA 23	249,1	238,7	259,6	262,9
ESCOLA 24	214,4	216,5	223,5	229,5
ESCOLA 25	242,8	241,1	243,9	256,8
ESCOLA 26	242,3	226,1	235,5	221,7
ESCOLA 27	249,3	238,5	242,3	250,1
ESCOLA 28	231,3	221,8	224,1	245,2
ESCOLA 29	232,6	224,2	240,3	229,4
ESCOLA 30	243,5	232,6	22,3	214,5
ESCOLA 31	228,2	231,5	228,9	240,2
ESCOLA 32	231	222,7	231,9	223,6
ESCOLA 33	247,7	231,6	228,3	234,1
ESCOLA 34	238,9	224,6	253	252
ESCOLA 35	250,6	232,1	240,3	234,1



Escola que decaiu no resultado entre 2007 a 2012

Tabela 5

Matemática- 4º ano ciclo I

	2009	2010	2011	2012
ESCOLA 1	185,1	185,3	192,3	195,9
ESCOLA 2	184,1	179,4	198,8	168,4
ESCOLA 3	182,8	182,9	179,2	186,4
ESCOLA 4	174,9	193,2	182,3	179,4
ESCOLA 5	187,1	191,4	213,7	205
ESCOLA 6	197,6	214	204,2	205,8
ESCOLA 7	185,9	171,5	175,1	185,7
ESCOLA 8	186,8	186	184,3	176,4
ESCOLA 9	166,6	163,4	173	164,7
ESCOLA 10	190,7	190,3	214,9	185,1
ESCOLA 11	209,6	201	217,3	221,5
ESCOLA 12	188,6	194,5	201,7	188,5
ESCOLA 13	203,7	193,4	202,3	185,8
ESCOLA 14	149,2	171,6	166,1	162,2
ESCOLA 15	186,1	194,2	184,7	169,7
ESCOLA 16	165,1	159,5	175,6	172,5
ESCOLA 17	176,9	180,5	202,7	204,4

Matemática- 4º ano ciclo II

	2009	2010	2011	2012
ESCOLA 1	231,3	234,8	247,8	253
ESCOLA 2	224	234,6	240	235,3
ESCOLA 3	242,1	236,3	238	240,2
ESCOLA 4	236,7	245,5	257,6	240,5
ESCOLA 5	253,8	242,7	241,4	244
ESCOLA 6	271,2	236,5	249,2	235
ESCOLA 7	233	219,1	219,4	218,6
ESCOLA 8	237,9	244,4	234,9	230,7
ESCOLA 9	240,5	214,9	231,3	228,2
ESCOLA 10	259,7	221,9	248,7	250,8
ESCOLA 11	268,7	248,7	250,3	252,1
ESCOLA 12	249,1	239	232,8	233,5
ESCOLA 13	252,8	237,4	251,4	254,3
ESCOLA 14	221,7	221,2	215,5	217,9
ESCOLA 15	270,3	241,8	232,2	233,7
ESCOLA 16	236,3	229,5	217,8	215,9
ESCOLA 17	236,7	243,3	237,9	252

ESCOLA 18	194,4	182,9	202,9	175,4
ESCOLA 19	189	195,8	189	196,8
ESCOLA 20	183,2	187,5	181,1	191,4
ESCOLA 21	189,5	198	193,1	203,4
ESCOLA 22	197,5	183,9	191,9	190,3
ESCOLA 23	209,2	193,7	205,2	219,7
ESCOLA 24	175,8	174,6	162,7	161,5
ESCOLA 25	207,6	200,1	192	208,5
ESCOLA 26	177,2	177,1	210,2	180,7
ESCOLA 27	195,8	204,1	187,3	193,6
ESCOLA 28	176,2	179,5	180,2	190,7
ESCOLA 29	181,4	167,2	185,5	192,4
ESCOLA 30	182,9	187,1	197,7	181,9
ESCOLA 31	189,2	206	172	196,6
ESCOLA 32	197,9	185,5	202,8	198,9
ESCOLA 33	193,3	187,2	161,8	201,7
ESCOLA 34	200,7	200,2	164,5	182
ESCOLA 35	191,8	187	203,8	199,5

ESCOLA 18	246,3	228,9	243,3	226,3
ESCOLA 19	244,3	237,7	237,9	233,6
ESCOLA 20	241,6	231,2	226,7	227,6
ESCOLA 21	233,5	239,4	229,9	228,6
ESCOLA 22	266,3	251,1	247,3	235,9
ESCOLA 23	263	263,5	268,1	254,1
ESCOLA 24	218,1	224,3	223,6	224
ESCOLA 25	241,9	261,7	256,3	248,3
ESCOLA 26	248,7	233,8	234,3	227,8
ESCOLA 27	268,2	254,9	239,9	245,5
ESCOLA 28	225,2	227,8	231,7	227,3
ESCOLA 29	256,5	235,7	249,6	226,5
ESCOLA 30	245,6	232	219,1	213,2
ESCOLA 31	229,6	232,2	207,4	226,6
ESCOLA 32	239,6	250,4	245,4	227,8
ESCOLA 33	246	244,3	227,6	228
ESCOLA 34	246,6	237,4	266	251,6
ESCOLA 35	255,4	240,7	242	229,5

 Escola que decaiu no resultado entre 2007 a 2012